

# Verdadeiros

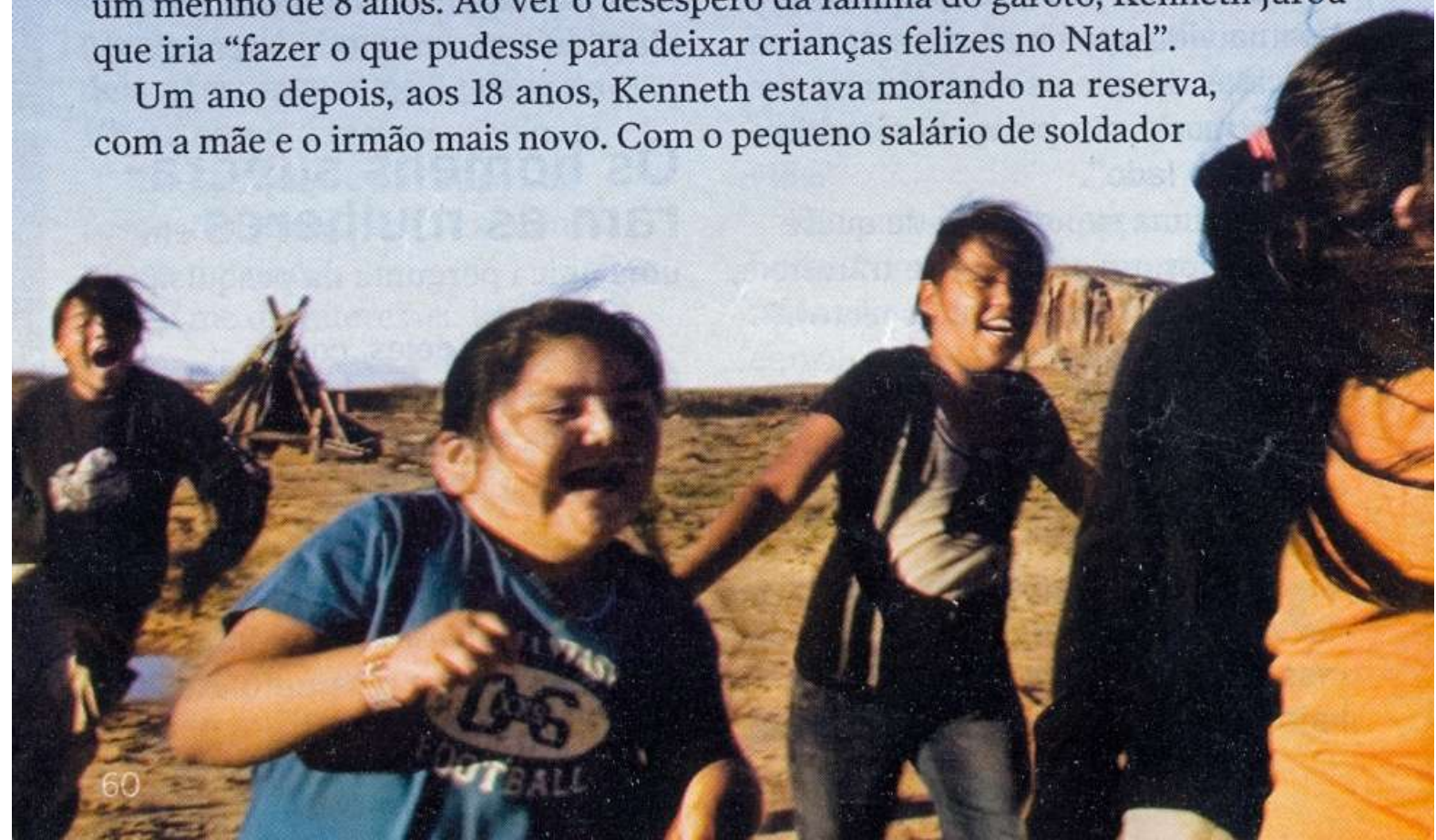
Cinco histórias provam que milagres podem acontecer em qualquer lugar – na neve, na areia e até na calçada

## O guerreiro do Natal

KENNETH MARYBOY COMPROU uma fantasia de Papai Noel usada. Ele era alto e magro, e seus cabelos negros saíam por baixo do gorro, fazendo um enorme contraste com a barba branca e barata de algodão. Mas o fato de Kenneth não ser a pessoa ideal para aquele papel não importava: ele estava cumprindo uma promessa que fizera no ano anterior.

Na época, véspera do Natal de 1978, Kenneth viajava de carona por uma estrada solitária numa reserva indígena, em Utah, Estados Unidos. A noite estava escura, e a motorista, uma senhora de certa idade, acabou atropelando e matando um menino de 8 anos. Ao ver o desespero da família do garoto, Kenneth jurou que iria “fazer o que pudesse para deixar crianças felizes no Natal”.

Um ano depois, aos 18 anos, Kenneth estava morando na reserva, com a mãe e o irmão mais novo. Com o pequeno salário de soldador



# milagres



**Kenneth Maryboy  
em seu vigésimo  
oitavo banquete  
anual.**

que ganhava, mal conseguia pagar as contas, mas ainda assim comprou a roupa de Papai Noel e saiu convencendo pessoas tão pobres quanto ele a doar doces e frutas para famílias ainda mais necessitadas.

Kenneth colou uma rena de papelão na frente de sua caminhonete vermelha e, pouco antes da meia-noite na véspera de Natal, enfrentando forte ventania, saiu batendo na porta das casas e *trailers* da Utah Strip, parte mais pobre da reserva navajo. Muitas casas não tinham eletricidade. Algumas famílias tiveram medo de abrir a porta tão tarde da noite. “É um homem! Com uma sacola!”, gritou um menino para os pais, segurando uma lanterna e espiando por detrás das cortinas. Kenneth convenceu-os de que era bem-intencionado dando a risada típica do Papai Noel: “Ho-Ho-Ho!...”

A cada porta que se abria, Kenneth distribuía doces, laranjas, balas de hortelã. Muitas crianças jamais haviam visto o Papai Noel antes, e por isso não ficaram desapontadas com a fantasia puída e a barba falsa. Ao constatar que tão pouco era necessário para deixá-las felizes, Kenneth ficou emocionado. Ano após ano, prosseguiu fazendo a mesma coisa, reunindo cada vez mais ajudantes.

Hoje, aos 46 anos, Kenneth é delegado do condado de San Juan, e suas visitas solitárias se transformaram num banquete anual em que são distribuídos brinquedos, roupas e ferramentas para mais de 700 pessoas. Crianças que não podem comparecer ao evento, porque estão doentes ou porque não têm como

chegar lá, recebem uma visita pessoal de Kenneth ou de um de seus ajudantes. “Meu avô me ensinou que a gente aprende a ser homem e guerreiro compartilhando o que tem e cumprindo nossas promessas”, explica ele.

CATHY FREE

## Natal em julho

ERIKA ORLANDO está sentada em frente à lareira, prestes a escrever um cartão de Natal. Neva onde ela mora, em St. Louis, Missouri; flocos suaves cobrem o lugar, e Erika de repente se lembra de um dia de verão e de uma praia coberta de areia tão branca quanto aquela neve.

DURANTE FÉRIAS em Santa Rosa, na Flórida, Erika e o irmão estavam sentados na areia branca e quente, tendo uma conversa séria sobre fé. Crianças brincavam no mar quando eles ouviram uma mulher gritando: “O Rob sumiu!” O marido da senhora que gritava correu até a água e começou a procurar o filho. Erika pediu que ele descrevesse o menino, mas o homem parecia estar em choque e apenas fez um gesto com a mão, indicando uma altura pouco acima do joelho. Ela se virou para a mulher e repetiu a pergunta. “Ele tem o cabelo louro e encaracolado”, disse a mãe, “e está usando uma camiseta laranja. Ele tem medo do mar!”

Pessoas vieram correndo para ver o que acontecia. Sem saber por quê, Erika correu até a outra ponta da praia, perto de um grupo que estava sentado na areia. “Vocês viram um menino de camiseta laranja?”, perguntou. Eles disseram que não.

Erika começou a rezar. Sua mente estava tranqüila, mas funcionando a mil. Camiseta laranja, desaparecido, com medo do mar. Instantaneamente, ela teve uma visão de um buraco na areia. Procurou pela praia. A alguns passos de onde estava a mãe do menino havia uma pequena depressão.

Erika se ajoelhou e começou a cavar, tirando punhados de uma areia dura e seca que lhe escorria por entre os dedos. Dez centímetros. Quinze. Trinta. Foi quando sua mão tocou em algo diferente, algo suave e macio: chumaços de cabelo louro. “Acho que o encontrei!”, gritou Erika.

Fazia cinco minutos que os

**Erika Orlando não queria sair de férias, mas acabou salvando a vida de um menino de 3 anos.**

pais haviam se dado conta do desaparecimento de Rob. Aparentemente, ele entrara num buraco que outros meninos tinham feito e fora coberto pela areia. Mais gente veio ajudar. Conforme cavavam, a areia em volta do menino escorria como a que cai dentro de uma ampulheta.

Salva-vidas chegaram e prestaram os primeiros socorros. A multidão conseguiu tirar areia o suficiente para permitir que o pai de Rob o pegasse pelos braços e o arrancasse do buraco. O menino abriu os olhos. Havia areia no rosto e no corpo todo, até mesmo nas pálpebras e nos lábios. Mas o olhar dele estava tranqüilo. Ele não tossiu nem



chorou. A mãe de Rob o abraçou e sentou-se na areia quente, chorando muito e dizendo que aquilo fora um milagre.

A NEVE ainda está caindo lá fora. Erika olha para o cartão de Natal e começa a escrever: “Querido Rob...”

GARY SLEDGE

## Um barulhinho alegre

HÁ TRÊS ANOS, Steve Baker mandou um presente de Natal para o enteado que serve na guerra do Iraque: um violão. O presente fez o maior sucesso. A notícia se espalhou, e os amigos dele começaram a pedir instrumentos.

Steve – veterano da guerra do Vietnã – e Barb, sua mulher, trabalham com música há muito tempo, e acreditam

no poder que ela tem de acalmar e inspirar pessoas. Eles moram num *trailer*, têm um jipe que já rodou 300 mil quilômetros e são donos de uma loja de instrumentos musicais em Minnesota, a qual, às vezes, só se mantém aberta graças ao dinheiro que Steve recebe do governo. Mas eles juraram que todo soldado que lhes pedisse um instrumento iria recebê-lo. “Ao tocar música você sente que voltou para casa, ainda que seja por um instante”, diz Steve.

Nem ele nem Barb tinham prática em angariar fundos. Mas, com a ajuda de amigos, organizaram um leilão em 2005, e conseguiram 900 dólares. “Estamos ricos!”, gritou Steve. Um fabricante de instrumentos musicais lhes deu um desconto, e, três dias depois, conseguiram enviar 22 violões a soldados.

Steve e Barb batizaram o que estavam fazendo de Operation Happy Note (Operação Nota Feliz) e, nos meses seguintes, enviaram banjos, bandolins, trompetes, clarinetas, gaitas e outros

instrumentos. Um homem de Iowa doou quatro caixas de violinos. Um guitarrista canhoto mandou quatro guitarras para canhotos. Um casal de aposentados da Flórida enviou um cheque de 2 mil dólares.

Barb acabou tendo de sair da loja para se dedicar integralmente à Operação Nota Feliz. “Acreditamos que essa é a nossa missão”, diz ela. “Ganhar dinheiro não é importante. Não estamos passando fome, e nossa conta de luz está paga.”

Hoje, o depósito da Fergus Music, a loja de Steve, está entupido de caixas e plástico-bolha. No computador, há uma lista de espera com os nomes de mais de 300 soldados. “Mando tudo o que consigo arrumar”, conta Steve. Quando a capela de uma base perto de Fallujah precisou de pratos, Steve pegou quatro da própria loja, no valor de 800 dólares, e os doou.

**Kimo Hansen, um piloto apache, e seu violão "Nota Feliz".**



No Natal passado, Steve e Barb mandaram para o Iraque 48 violões, baquetas, gaitas, além de cordas e palhetas de reserva. Os instrumentos chegaram três dias antes do Natal. O sargento Louis Karsnia, membro da Guarda Nacional de Minnesota, no Campo Taqaddum, base logística dos Fuzileiros Navais, foi quem os distribuiu. “Antes, os caras ficavam de iPod, ou-

vindo música, isolados uns dos outros”, conta o sargento. “Mas depois que os violões chegaram, todo mundo se juntou. Ficam quatro ou cinco caras tocando e 25 ou 30 cantando e rindo.”

Nos últimos três anos, a Operação Nota Feliz enviou quase 630 instrumentos para soldados americanos em todo o mundo. As cartas de agradecimento fazem tudo valer a pena. Neste Natal, além dos instrumentos, Steve e Barb pretendem enviar gorros de Papai Noel, decorações de Natal, CDs com músicas natalinas e partituras.

O sargento Timothy Hall, cartógrafo da 3ª Divisão da Infantaria, conta: “A música me leva para outro mundo – um mundo tranqüilo e sereno, onde não existem ódio, morte ou sujeira.” Esse é um verdadeiro milagre.

LYNN ROSELLINI

## Um lugar para ficar

A TEMPESTADE começou na noite de quinta-feira, três dias após o Natal do ano passado. A família Glover, que mora numa pequena casa numa fazenda da Rota 56, a 65 quilômetros da cidade de Clayton, no Novo México, e a oito do vizinho mais próximo, estava preparada. Na manhã de sexta-feira, tudo estava coberto de neve. Randy Glover, 39 anos, achava-se no galpão onde trabalha e falava com Christine, sua mulher, através de um *walkie-talkie*. De repente, os dois ouviram a voz de Clayton Shumaker, que estava perdido na estrada. Um acidente bloqueara o caminho, e, conforme os carros iam parando, a neve os ia encobrindo, um a um.

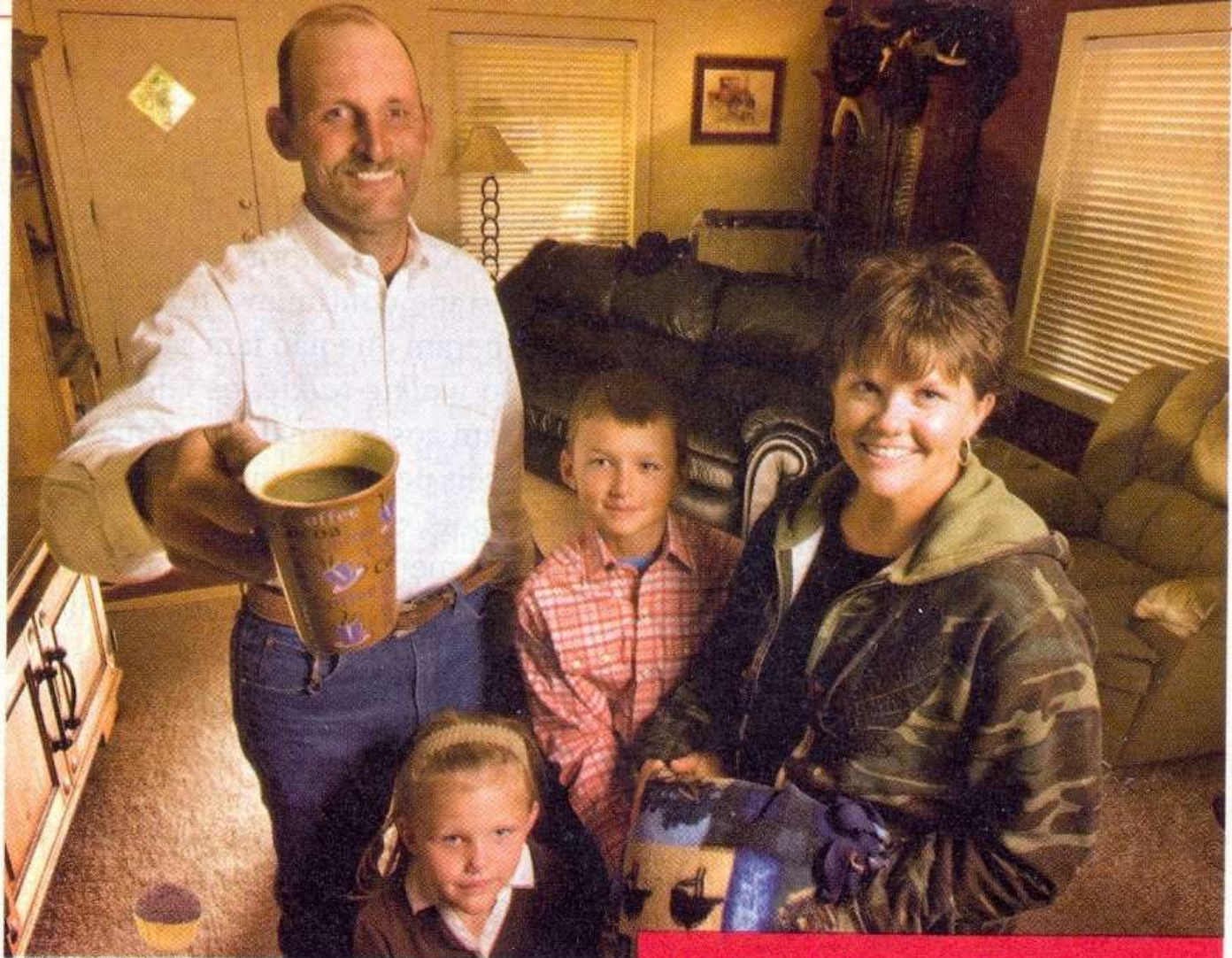
Num primeiro momento, os viajantes acharam que logo a estrada seria desbloqueada e eles poderiam seguir adiante. Mas três horas se passaram, a tempestade continuava forte e todos perceberam que não iam sair dali.

Pelo *walkie-talkie*, os Glovers explicaram aos Shumakers – uma família de seis pessoas – onde ficava a casa deles, pois, embora estivessem a apenas 200 metros dali, não conseguiam ver coisa alguma por causa da neve. Quando a família Shumaker já estava dentro de casa, os Glovers se deram conta de que havia outros na mesma situação: correndo risco de vida. Então, Clayton tornou a pôr os óculos de neve e voltou ao local de onde acabara de sair, a fim de procurar outros carros parados na estrada.

Os viajantes foram chegando: jovens e velhos, com idades entre 4 e 70 anos – 44 pessoas no total. Um deles tinha problemas cardíacos. Chegavam cansados, congelados e com medo, e iam sendo acolhidos pelos Glovers.

Não demorou muito para aquele pessoal faminto acabar com as duas panelas de ensopado que tinham sido feitas para o Natal. Por sorte, um dos viajantes perdidos era um motorista de caminhão que levava uma carga para quatro mercados. Diante da situação, ele distribuiu tudo o que tinha – e foi o suficiente para todos.

Os Glovers ofereceram aos viajantes três camas, uma poltrona reclinável, um sofá e o chão. Randy dormiu na cozinha. “As pessoas ajudaram a servir a comida e a lavar a louça. E todo mundo foi educado na hora de



**A família Glover acolheu em casa 44 pessoas que estavam perdidas numa tempestade de neve.**

dividir o único banheiro da casa”, conta Christine. A multidão ficou lá por duas noites, e alguns permaneceram até o Ano-novo. Lance Glover, 9 anos, e Linzie Glover, de 3, acharam a tempestade e os hóspedes que ela trouxera “a coisa mais divertida que já acontecera no Natal”. “Nós rimos, contamos histórias, jogamos dominó e desenhamos camisetas com os dizeres ‘Tempestade de neve de 2006’”, conta Randy. “Todos eram muito carinhosos”, acrescenta Christine. “Ficamos íntimos uns dos outros. Algumas daquelas pessoas vão ser nossas amigas para a vida toda.”

O Natal chegou para todos no ano passado. Na casa dos Glovers, nas planícies do norte do Novo México, e uma série de bênçãos permitiu que ele durasse mais tempo. **GARY SLEDGE**

## Moedas caídas do céu

MEU PAI AMAVA moedas de 1 centavo de dólar, principalmente as que têm dois pés de trigo num dos lados. Ele começou a gostar delas quando criança, na época da Depressão – e naquele tempo não havia muitas moedas disponíveis.

Quando eu era criança, meu pai e eu fazíamos longas caminhadas juntos. Ele tinha 1,90 m e um corpo atlético, e eu precisava correr para acompanhar seus passos. Às vezes encontrávamos moedas pelo caminho – 1 centavo aqui, 10 centavos ali. Sempre que eu pegava uma moedinha de 1 centavo, ele perguntava: “Tem os pés de trigo?” Toda vez que encontrávamos uma dessas

moedas, cunhadas entre 1909 e 1958 – ano em que eu nasci –, ele ficava maravilhado. Em um passeio, meu pai me contou que muitas vezes sonhava que encontrava uma moeda. Fiquei pasma. “Eu também sempre sonho com isso!”, revelei. Era o nosso elo secreto.

Meu pai morreu em 2002. Na época eu morava em Nova York. Certo dia, pouco depois da morte dele, eu ia descendo a Quinta Avenida, sentindo-me péssima, quando de repente me vi diante da Primeira Igreja Presbiteriana, uma das mais antigas de Manhattan. Meu pai era diácono da Igreja Presbiteriana, mas fazia tempo que eu não freqüentava uma. Decidi que iria.

Na manhã de domingo, fui calorosamente recebida e levada a um dos bancos daquele imenso santuário. Abri o programa e li que o primeiro hino a ser cantado era “Nosso Deus é uma poderosa fortaleza”, o preferido do meu pai, que havíamos cantado no enterro dele. Quando o coro começou a entoá-lo, eu me debulhei em lágrimas.

Após a cerimônia, cumprimentei o pastor. Ao sair, olhei para a calçada, e lá estava: uma moeda de 1 centavo. Apanhei-a, virei-a e, como era de esperar, encontrei os dois pés de trigo. Era uma moeda de 1944, ano em que meu pai estava servindo na guerra.

Foi assim que tudo começou. Subitamente, moedas de 1 centavo com pés

de trigo passaram a surgir nas calçadas de Nova York. Juntei quase todos os anos importantes: o ano em que meu pai nasceu, o ano em que minha mãe nasceu, o ano em que minha avó morreu, o ano em que ele se formou na faculdade, os anos da guerra, o ano em que ele conheceu minha mãe, o ano em que se casaram, o ano em que minha irmã nasceu. Mas, infelizmente, não achava nem uma moedinha de 1958.

Nesse meio tempo, passei a freqüentar a igreja, e, quando chegou perto do Natal, achei que deveria dar uma passada lá. No domingo seguinte, depois da cerimônia, estava caminhando pela Quinta Avenida e vi uma moeda de 1 centavo no meio de um cruzamento. *Essa não!*, pensei. A rua era movimentada, e os carros iam de um lado ao outro a toda. *Será que devo arriscar?* Não teve jeito: eu precisava pegá-la.

Os pés de trigo! Mas a moeda estava gasta e eu não pude ler a data. Quando cheguei em casa, peguei uma lupa e observei a superfície de cobre na luz: ali estava o ano do meu nascimento!

Sou jornalista, profissão na qual o ceticismo é uma virtude necessária e honesta. Mas encontrei 21 moedas com pés de trigo nas ruas de Manhattan no ano seguinte à morte de meu pai, e não acho que isso seja coincidência apenas.

JULIE BAIN

## AS PAREDES TÊM OUVIDOS

A filha de um amigo queria aprender violino, mas logo perdeu o entusiasmo. Então colocou uma placa no portão: “Vendo violino.” E no portão do vizinho apareceu outra: “Viva!”

NATASHA GLEESON, Austrália